
Editorial

Foi com a ajuda de Nora Pinto Ribeiro, viúva de Roberto, que mergulhei nas lembranças desses trinta anos de convívio com esse homem notável, cujas marcas deixaram impressão tão funda em muitos de nós.

Numa época de criação de instituições, de definição de rumos, de estabelecimento de diretrizes e padrões, tivemos nós, da minha geração psiquiátrica e psicanalítica, a ventura de ter, perto de nós, o pensamento iluminante, generoso, balsâmico do Roberto.

Numa época em que era preciso escolher e rejeitar, em que enganadoramente Verdade e Mistificação se confundiam na roupagem deslumbrante das promessas, nós dispúnhamos de sua palavra lúcida, límpida, simples e direta.

Nós que vínhamos de um tempo em que a Psiquiatria era "um oceano que se atravessava com água pela canela", no dizer de Nelson Hungria, época em que a Psiquiatria chamada de "clássica" corria o risco da ridicularia, num momento em que a Psicanálise surgia como um sol, em que era fácil tornar-se apaixonadamente fanático, Roberto manifestava um equilíbrio tranquilizante entre as boas novas da Psicanálise e o conhecimento consolidado da Psiquiatria clássica. Sua tese para o concurso à docência-livre de Medicina Legal da Universidade do Rio Grande do Sul, de 1950, é bem um atestado desse equilíbrio: encontram-se ali, compendiados, os trabalhos de Lombroso, Kretschmer, Kurt Schneider, além de William Stern, Adolf Meyer dentre muitos outros. Ao lado de Freud e Franz Alexander, Roberto alinhava os grandes nomes da Psiquiatria.

Essa acolhida que sempre a Psiquiatria encontrou no Psicanalista foi decisiva para a formação de várias turmas de psiquiatras em nosso Estado. Uma acolhida que persistiu ao longo dos anos. As decepções não alteraram o ideário epistemológico de Roberto. Ainda em 1977, num Simpósio da Escola Paulista de Medicina, declarava:

"Jamais deixei de reconhecer e de valorizar a importância das contribuições fenomenológicas, neuro-fisio-patológicas, etiológicas, genéticas, psico-sociais, etc."

Muito longe, contudo de ser essa uma atitude de acomodação, de transigência política, de apaziguamento interesseiro. Em Roberto esse tipo de sentimentos nunca encontraram guarida. Pelo contrário. Ele foi sempre um combatente das piores batalhas, as mais difíceis, mais arduas, um traço que o acompanhou por toda a vida. Aliás, em sua tese de livre-docente já se insurgia contra as intolerâncias da Lei, em face do doente mental. Defendendo o doente, o incapaz, transbordava toda a humanidade que existiu no seu ser.

Muito cedo interessou-se pelo tema quicá o mais apaixonante para sua natureza combativa e cultivadora dos valores humanos mais altos: a Ética Médica. E aí encontrou-se com Celestino Prunes, outra figura notável de nosso meio acadêmico e médico, pessoa cuja adesão à causa psicanalítica somou dignidade, seriedade, humanidade às raízes das nossas origens. Não poderia haver companhia melhor para o jovem Roberto.

Celestino Prunes, Professor de Medicina Legal da UFRGS, Catedrático da Cadeira de Higiene e Odontologia Legal consolidava, mercê de sua atividade, os vínculos de Roberto com a Psicanálise e a Psiquiatria, particularmente, com a Psiquiatria Forense.

E logo a Ética Médica leva Roberto ao estudo das condutas e posicionamentos dos médicos e, principalmente e crescentemente, dos psicanalistas.

Isso foi bem dele. O enfoque, a atenção continuada na conduta do psicanalista, com sua contrapartida obrigatória: o respeito pelo paciente.

Claro que essa preocupação o conduziu à questão da contratransferência, tema que abordou em vários trabalhos, desde o seu relatório "Psicanálise e Universidade", escrito juntamente com o Professor Celestino Prunes:

"A importância da contratransferência" - dizem os Autores à página 9 - "como elemento participante da situação analítica, já fora esboçada por alguns autores (...), mas estamos certos em apontar a América Latina como pioneira e propulsora do desenvolvimento destes estudos, isto em virtude dos profundos trabalhos de Heinrich Racker..."

Uma afirmativa bem ao gosto de Roberto: clara e insofismável. Uma afirmativa muito pouco ouvida aqui ou alhures.

Outra citação do mesmo "Psicanálise e Universidade", publicado pela Revista de Psiquiatria, vol. II, nºs 3 - 4, de 1962:

"A Psicanálise que durante mais de meio século lutara com o mundo para que aceitasse a revisão dos antigos preconceitos e para que abandonasse seculares ilusões com respeito à personalidade humana denunciava a necessidade de nova luta, agora visando outros preconceitos e ilusões, acalentadas pela Psicanálise e pelos psicanalistas a respeito de si mesmos" (p.9).

Sua profunda dignidade e obstinação na defesa dos valores éticos não resistiu à postulação de um verdadeiro código ético psicanalítico: "(...) os conceitos psicanalíticos sobre a personalidade e a conduta do homem implicam até certo ponto em algo mais que a soma de dados científicos. Estes configuram uma teoria psicológica, mas também conduzem a juízos de valor e a um esquema conceitual particular" (p.11, op. cit.). "(...)temos que admitir que a Psicanálise sustenta (...) uma Ideologia (...)" (p. 11-12).

Era a onipresente preocupação com a construção dos valores que deviam reger o psicanalista. Ele foi além, muito além do que transmite conhecimento; aspirava realmente a educar. Não admitia a desigualdade entre os sexos, não tolerava a mentira e o embuste, ele, que era a própria imagem da tolerância com as fraquezas humanas...

Roberto tinha a rara perspicácia capaz de poder distinguir a fraqueza que se origina da impulsividade neurótica, da malícia proveniente de uma deformação intencionalmente viciada.

Os temas mais polêmicos foram objeto de sua opinião, tais como a inseminação artificial e, especificamente, dentro da Psicanálise, o acting out, o impasse psicanalítico. No âmbito da medicina forense dedicou muito estudo à questão da periculosidade, o espinhoso tema da Psiquiatria forense, tendo participado de um trabalho realizado sob os auspícios da WHO e publicado num periódico científico da Gran-Bretanha.

A posição científica da Psicanálise, o labor terapêutico dela, esses temas foram em épocas diversas abordados, como sempre, corajosa e enfaticamente.

Mas sua combatividade não lhe tirava o senso-comum, nem a leveza da descrição. Seu trabalho sobre o manejo técnico do acting out para a Primeira Jornada de Psicanálise é uma admirável aula de clareza, simplicidade e objetividade. Com a sensibilidade que o caracterizou como clínico, aponta a transferência no "timing" adequado, descreve a relação de objeto vigente no aqui e agora, ligando-se à sua origem genética, no melhor estilo recomendado por James Strachey. O efeito não pôde ser melhor para o paciente. E tudo isso relatado em sete folhas tamanho ofício!

Seus últimos trabalhos - inconclusos - versavam sobre epistemologia e outro sobre uma crítica de Lacan. Como qualquer estudante, as anotações de Roberto - que tive a honra de consultar - revelam o interesse, o cuidado, a vontade de conhecer.

A vocação pela zona mais atritada, mais beligerante, mais dolorida, era característica nele. Jamais foi acomodado. Os anos não o privaram da bravura.

Em Roberto, esse algo de Cyrano de Bergerac, que todos temos, assume saliência na sua personalidade. Porque manejava bem a espada da palavra, protegida na bainha de um pensamento ordenado, tal como Cyrano, lutou até o fim:

"Que dizeis? Que dizeis? É inútil? Pois que seja!
Não 'stá no sucesso a glória da peleja;
Não! Não! Que inda é melhor quando o sucesso é nulo.
Quem sois vós? Quantos sois? Sois mil? Eu vos açulo!
Ah! Bem vos reconheço atrás desses postiços;
A Mentira!
- Eu bem sei que afinal sucumbo e não vos mato...
Não faz mal: eu me bato, eu me bato, eu me bato!"

Roberto saciava um pouco a nossa sede de correção, de lisura, de justiça. Ele acordava em nós esses valores, ajudando-nos a preservá-los.

Por isso foi amado e respeitado.

"Arquivos" respeitosamente recebe, com carinho infinito, esse grande homem na homenagem que a Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre lhe presta, dedicando-lhe este número.

Editorial

Fizemos uma seleção de trabalhos do Roberto dentre aqueles que foi possível localizar e dispor. Uma completa reedição ou publicação de sua longa lista de contribuições escapam dos limites das nossas atuais possibilidades.

Porto Alegre, julho de 1991

Paulo Martins Machado*

* Membro efetivo e Analista Didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.